

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ao meio-dia; aos Srs que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

A carta do Sr. F. B. S. Q. não póde ser inserta n'esta folha sem trazer a assignatura do seu auctor, competentemente reconhecida; por serem gravissimos os factos de que reza, e não termos d'elles provas para os podermos sustentar quando impugnados. O mesmo se diz ao correspondente que se assigna um assignante moderno.

A redacção da REVISTA tem a descripção de calar os nomes dos seus correspondentes quando assim convém ou lhe é pedido: mas não publica nenhuma das cartas, que lhe são mandadas anonymas, podendo d'ellas resultar prejuizo ou descredito de terceiro.

CONHECIMENTOS UTEIS.

O LOBO COM A PELLE DO CORDEIRO.

(Carta.)

2928 O DESEJO que V. se serviu manifestar-me, de que eu lhe communicasse as razões que tinha para desconfiar da orthodoxia da obra em defesa do Christianismo, annunciada na *Revista Universal Lisbonense* de 25 do mez passado, me excitou a folhear os meus canhenhos para ver se n'elles encontrava algum apontamento relativo ao assumpto, de que se tracta. Foi baldada a minha busca, e por isso nada mais posso fazer, do que repetir, por escripto, o que de viva voz tive a honra de dizer a V., só fundado na minha memoria; — isto é, que em 1835 li uma obra intitulada — « *La Religion universellement démontrée à l'aide des connaissances et de l'érudition modernes*, » — a qual leitura me confirmou na persuasão em que eu já estava, de que nada é mais perigoso para uma causa, seja ella qual fór, do que um defensor, ou inhabil ou de má fé.

Com effeito o auctor, que pertende ser catholico, e que mostra possuir vastos conhecimentos, pareceu-me pertencer á eschola racionalista, que nascida na Allemanha protestante, como V. não ignora por certo, tem n'estes ultimos tempos feito não poucos proselytos em França e na Suissa, Belgica e Hollanda. Lembra-me que recorre aos *symbolos* e *allegorias* para provar a verdade dos mysterios, e particularmente o da Eucharistia, adoptando a respeito d'elle o sentido figurado, para o que emprega as mesmas expressões e allega os mesmos especiosos argumentos de *Zuinglio* e dos outros sacramentarios. Alem d'isto nega abertamente a inspiração dos Livros Canonicos, applicando, por zombaria, o nome de *bibliolatrias* aos que a reconhecem. Depois de tudo isto, e de outras doutrinas do mesmo jaez, emprega um crescido numero de paginas para sustentar com grande apparatus de raciocinios, e prolixa citação de factos, a opinião de que todos os phenomenos do *somnambulismo magnetico* são devidos á directa intervenção do espirito máu!

Estes são, em substancia, os pontos que ao ler aquella estranha apologia do Christianismo, maior sensação me fizeram, e que por isso ficaram impressos na minha memoria.

MAIO — 16 — 1844.

A' vista d'estes dados, V. melhor decidirá, se ha, ou não, sufficiente fundamento para desconfiar, até ulterior averiguação, da pureza da doutrina contida na obra, cuja reimpressão é recentemente annunciada em algumas folhas francesas, como um serviço feito á causa da religião. Eu por certo muito estimarei que a minha suspeita não seja bem fundada, e que o livro, desempenhando o promettido, possa ser lido sem tropeço por toda a classe de pessoas, doctas, e menos doctas, pois a todas são devidores os que sobre tão importante e melindroso assumpto escrevem nas linguas vulgares.

Concluo protestando que, só para satisfazer á recommendação de V., é que me decidi a lançar mão da penna para lhe expor os motivos da minha desconfianças; aliás ter-me-hia abtido de o fazer, até porque é muito possivel que a obra que li, e aquella a que agora se annuncia reimpressa, nada tenham de commum além do titulo.

De V. etc.

Lisboa 12 de Maio de 1844.

Antonio José Vial.

BALÕES AEROSTATICOS DE METAL.

2929 Um dos muitos problemas, que é necessario que se resolvam para que se chegue a realizar o universal desejo e, por ora, utopia scientifica da navegação aerea por via dos balões aerostaticos, é achar de que materia ha-de o balão ser feito para resistir aos inimigos, que de dentro e de fóra o ameaçam.

O padre *Lans* em 1670 e *Guyton de Morveau* em 1784 propozeram para este fim o metal; a sua proposta acaba de ser realisada em França por *M. Marey Monge*. Construiu este physico um aerostato de cobre de trinta pés de diametro, isto é, mais de 90 pés de circumferencia. Este balão, segundo, nós diz um jornal, é muito forte e dentro em pouco poderá ir-se aos ares. O que é muito curioso é ver a ancia, com que este amigo pede que parem desde já com tudo quanto são obras de estradas e caminhos, porque, d'aqui a pouco, segundo elle, ninguem mais ha-de andar pelo chão.

Não ha physico mais desenganadamente aério.

MÁCHINA PARA DIRIGIR OS BALÕES.

Por conta e risco de seu auctor, publicámos o seguinte alvitre, sobre o qual não daremos parecer, porque, para tel-o, não somos competentes.

(Carta.)

2930 Como por ahi se tem fallado muito em direcção de balões, e viagens aéreas, eu tambem me lembrei publicar o meu invento para se poder dirigir um balão, em todas as direcções, não sendo o vento forte. Quem estiver em melhores circumstancias do que eu, poderá fazer a experiencia á vista da descripção abaixo indicada, e n'isso me dará muito prazer, e ao mundo e a si utilidade.

Um balão preparado (conforme a invenção de *Pilate des Rosiers* para subir e descer) terá collocado horizontalmente por baixo da bocca do côlo um eixo, com velame de moinhos perto dos dois extremos; as velas pôdem ser seis, mas o panno será cosido e bem tecido ás vergas d'um e outro lado, cuja face e linha horizontal ficará inclinada ao eixo 40 a 45 gráus;

este eixo estará livre de fortes fricções; elle tem no meio um carrete de 20 dentes para uma roda de 60 collocada por baixo, e no eixo d'esta um carrete de 30 para uma roda de 90, o eixo da qual será curvo em duas partes (como para mover o embolo das bombas); das quaes curvas descem abaixo umas peças que prendem n'umas como expremedeiras, ou apeanhas, marchões ou pedaes (que todos estes nomes tem) de tecedeira, aonde o viajante carregando alternadamente com o pé fará movimento continuado. As vélas fazem o effeito da nova roda nas culatras dos vapores; movendo-se com velocidade darão desvio ao balão, desvio da corrente de vento, porque uma véla por cima do balão faz as vezes de leme para conter a machina na posição conveniente á direcção; para o que será o leme de panno igual ás vélas, cosido a duas vergontes de madeira fiel, e estas atarraxadas n'uma verga na posição d'uma grimpá, a qual verga desce até á bocca do cólo por dentro d'um tubo metalico, sendo este unido com o corpo do balão em cima, e em baixo, para não saír o gaz. A bandeira ou leme move-se pela dicta verga e se firma com tarraxa n'uma tampa que está na bocca do balão. Os passageiros vão dentro d'uma barca de leve e segura construcção, e um homem movendo ahí os marchões dará facilmente movimento á machina para todas as direcções, não sendo a viração forte.

De V. etc.

Padre Manuel do Espirito Sancto Almeida.

PROPAGAÇÃO DAS OLIVEIRAS EM TRAS-OS-MONTES.

(Continuado do artigo 2903.)

Olea prima omnium arborum est.

COLUMELLA.

2931 TRES são os meios porque as oliveiras se podem reproduzir, como diz auctor do artigo 2726; por sementeira — por viveiro — e por estacas: seguiremos a mesma ordem.

A reproducção das oliveiras pelo caroço é a mais natural, não a mais proficua; apontaremos as suas vantagens e inconvenientes — É' esta a maneira de conseguir oliveiras mais sãs e vigorosas: as radículas originaes (*pivot*) entranham-se na terra a grande profundidade, quando as que saem das estacas tomam uma direcção horisontal, e muito á superficie do solo; d'aqui resulta que as primeiras podem ser lavradas profundamente; nenhuns calores as fazem seccar, e admittem em roda de si qualquer cultura e amanho: o contrario se verifica nas segundas, que devem ser lavradas muito por alto a fim de se lhe não quebrarem as raizes.

As produsidas de caroço apresentam uma hastea direita, lisa e vigorosa; pelo contrario as produsidas de estaca, quasi sempre no interior do tronco lhes fica sequeiro que lhe mina a existencia. — Nas produsidas de caroço começa uma nova vida: as produsidas de estacas são por assim dizer a extensão da vida do individuo d'onde foram tiradas, pelo que teem aquellas maior duração e vigor. — É' verdade que as oliveiras produsidas de caroço constituem uma variedade; a sua azeitona é mais pequena e as folhas mais miudas; chamam-lhe vulgarmente — bravas ou silvestres: — mas não obstante isso, o seu azeite é melhor e mais fino. — O inconveniente

mais notavel que estas oliveiras teem contra si, é ser o seu crescimento summamente vagaroso: — diz Plinio — *Hesiodus. . . . negavit oleæ satorem fructum ex ea præcepisse quenquam* — Hesiodo certamente fallava das oliveiras produsidas de caroço.

Attentas porém todas estas circumstancias, devemos concordar que este processo não deve ser de todo despresado, como parece querer o auctor do artigo; devendo-se d'elle lançar mão mesmo na falta de outro recurso. Vou apresentar um methodo para a sementeira das oliveiras ensinado pela — *Maison Rustique du dix-neuvieme siècle* — (d'onde extraí estas idéas). Tomam-se no mez de março azeitonas bem maduras, produsidas das melhores variedades; tira-se-lhes a polpa e mettem-se os caroços em uma lexivia ou barrélla por 24 horas a fim de ficarem bem lavados: — depois semeam-se em logar bem abrigado, bem proximos uns dos outros, em regos que distem pouco mais ou menos meio pé, e na profundidade de 2 a 3 polegadas: o terreno deve estar amanhado e bem adubado a 3 pés de profundidade; — no decurso da primavera regam-se de vez em quando, tirando-se-lhes todas aservas nocivas: — no inverno devem-se cobrir com palhas ou folhas sêccas: — Na 3.^a primavera transplantam-se a 3 pés umas das outras, formando viveiro: — no 4.^o ou 5.^o anno estão capazes de plantar no sitio em que devem ficar.

A oliveira dá-se com toda a natureza de terreno, vegeta nos solos mais ingratos, quer calcarios quer arenços; só os pantanosos lhe são prejudiciaes: — gosta dos paizes temperados: — aborrece os climas frios do norte e os calores abrasadores da zona torrida. Entre nós requer uma cultura desvelada. Se na ilha de Corsega, Napoles e Cecilia, deixadas á natureza, vegetam de um modo maravilhoso, é isto devido á suavidade de um clima essencialmente proprio á natureza da planta. — Se entre nós fossem assim despresadas, teriamos certamente o dissabor de as ver abafadas pelas arvores silvestres, com quem não querem vizinhança alguma; principalmente com o carvalho, como diz Plinio — *Quercus et oleæ tam pertinaci odio dissident, ut et altera in alterius scrobe depactæ moriantur.* — Devem ser plantadas em logares abrigados voltados ao meio dia, e lavrar-se pelo menos duas vezes, uma no outono outra na primavera.

A propagação por viveiro é talvez a mais propria; e que as nossas circumstancias mais adquadamente nos hão-de facultar. — Se as nossas oliveiras não seccarem rente á terra, frondosa ramagem devem lançar que necessariamente deve ser desbastada, e eis-ahi, passados dois annos, material para viveiros. — Seccando pelo fundo do tronco (da raiz é raro seccarem) devem ser cortadas ao rez da terra; e como innumeras vergontes hão-de brotar da raiz, eis-ahi um viveiro natural, que póde em poucos annos offerecer pequenas estacas para a plantação; deve porém haver cuidado de lhes accumular a terra juncto do pé, para que todas estas vergontes tomem raizes, e nenhuma morra. — Algumas d'ellas devem ficar representando a mãe e formando novas arvores.

Consta-me que em alguns sitios vizinhos, v. g. na Villariça, algumas oliveiras teem ficado com vida, cujos donos hão-de caridosamente vender-nos, ou escambar-nos, os ramos, que puderem tirar ás suas arvores, sem grande detrimento das mesmas.

A propagação por estacas julgo-a impraticavel pelos motivos apontados pelo auctor do artigo.

Uma bem pensada resolução sobre esta materia só se poderá tomar no fim da primavera. — Recommendo porém que se aguarde para fevereiro ou março futuro a operação de cortar os ramos mortos d'aquellas oliveiras que não seccaram pelo tronco; é este o prazo que se deve escolher para semelhante fim, como mais favoravel e aconselhado pelos mestres da arte, e porque é então que a seiva começa a pôr-se em movimento vindo assim mais facilmente cicatrizar as feridas feitas pelos instrumentos cortantes. — Pelo menos trabalhemos para acabar com a importação de azeite estrangeiro: a França (diz um escriptor) ainda em 1831, 1832 e 1833, importou, termo medio de azeite de oliveira para as fabricas, 23:264:000 francos: de dicto comestível 7:000:000; — a nossa posição n'esta parte é mais vantajosa.

Mirandella 23 de março de 1844.

A. Mauricio Cabral.

NOVO COADOR.

2932 M. ROUSSEAU, pharmaceutico em Paris, inventou um novo filtro de vantagens incontestaveis. Consiste este em uma caixa rectangular dividida em muitos repartimentos por diaphragmas concavos da parte superior e que tem dentro um mixto de barro calcinado e carvão vegetal. A agua chega ao primeiro repartimento, que é longitudinalmente dividido em dois, e ahí deposita as materias que traz consigo: passa para os outros repartimentos através dos diaphragmas, que devem ser tres; chegada ao ultimo repartimento, a agua de lodosa, que era, tem adquirido uma limpidez e puresa admiraveis.

Este filtro tem muitas vantagens, quer pela sua construcção simples quer pelo seu facil manuseamento. Accresce que estragado ou sujo pôde ser substituido facilmente por um novo.

TINTA VERMELHA DE CARANGUEIJO.

2933 M. GROTY, physico em S. Petersburgo, achou um meio de extrair do casco do carangueijo a materia colorante que lhe dá, depois de cosido, aquella bonita côr encarnada.

Eis o processo empregado por M. Groty. — Pegase no casco do carangueijo, corta-se em pedacinhos, separando-se estes de todas as partes animaes a elles adherentes, deixando tanto quanto fôr possível a membrana que contém o pigmentum. Depois de bem secos ao ar, reduzem-se a pó, e este se mistura com *kali causticum*. Horas depois cose-se tudo até que o liquido adquira uma côr de laranja carregada: feito isto, filtra-se. Ao liquido filtrado juncte-se um pouco de ácido chlorhydrico, e cosa-se de novo até que no liquido appareça a materia colorante em fórma de flocos cuja côr é de um vermelho romã.

Esta côr é organica e facilmente soluvel no alcool. Fizeram-se tentativas para tingir a lã, e surtiram bom effeito.

VERNIZES.

(Carta.)

2934 Se julgar, que a publicação das formulas d'estes vernizes, de que eu há já muito faço uso tirando d'elles o melhor resultado, será d'alguma manei-

ra util aos nossos artistas, rogo-lhe os queira publicar na sua *Revista*. Não são inventados por mim, são tirados dos melhores auctores de chymica francezes que tem chegado ao meu conhecimento, e postos em pratica por este

Seu creado muito obrigado

Um artista.

VERNIZ DE ESPIRITO.

Sandaraca..... 8 onças.
Alcool de 36°..... meia canada.
Terebinthina fina..... 6 onças.
Agua raz..... onça e meia.

Reduz-se a sandaraca a pó grosso, põe-se em uma catimplora com o alcool, e se aquece a banho maria, mechendo de quando em quando até que a resina se dissolva inteiramente; retira-se do lume, e ajuncta-se-lhe a terebinthina e logo depois a agua raz: põe-se novamente em banho maria, e ferve-se 8 ou 10 minutos: deixa-se repousar, e tira-se por inclinação, ou passa-se por um peneiro de seda espesso.

Este verniz, serve para dar em papeis, para os quadros, e para as pinturas sobre madeira, etc. É perfeitamente branco, quando se tem o cuidado de escolher boa terebinthina, e a resina Sandaraca bem lavada. Pôde-se muito bem tirar-lhe toda a côr tractando-o pelo carvão animal, se d'isso houver necessidade. porém então é necessario deixal-o repousar muitissimo tempo antes de o empregar.

VERNIZ D'ESSENCIA.

Este verniz é formado de sandaraca e de almecega, dissolvidas em agua raz.

VERNIZ GRAXO.

Este verniz é composto de resina copal derretida ao fogo, e dissolvida depois em oleo fervido primeiramente com fezes de oiro, e dilatados com essencia d'alfazema ou outra qualquer. Estes ultimos são os mais formosos e os mais solidos de todos.

VERNIZ COR DE OURO.

(Doiradura.)

Gengibre amarella..... 6 oitavas.
Açafrão..... 15 grãos.
Alcool de 38°..... meia canada.
Faça-se infusão por um dia, filtre-se, e dissolva-se
Gomma graxa..... duas onças.
Gomma Ellemi..... duas onças.
Sangue de drago..... uma onça.
Almecega..... uma onça.
Gomma guta..... seis oitavas.

Dissolva a banho maria, filtre ou decante.

CONSERVAÇÃO DE PEÇAS ANATOMICAS, ASSIM SOLIDAS COMO LIQUIDAS, E NOVA EMBALSAMAÇÃO PARA CADAVERES.

2935 Já fallámos (diz o *Mémorial*) do emprego da créosóta para a conservação das peças anatomicas. M. Pigné, conservador do museo *Dupuytren*, fez sobre isto novas experiencias, que lhe deram preciosos resultados: —

«Um cadaver ou uma parte qualquer d'elle mergulhando-se em um litro de agua com dez pingos de créosóta conserva-se com todas as suas propriedades physicas. Os musculos e todos os outros tecidos ficam exactamente com a sua flexibilidade e côres primitivas: não se encozem nunca: e os instrumentos que os cortam não padecem com este mixto. Todas as peças de ana-

tomia pathologica se conservam em toda a sua grandeza. Os objectos, já em putrefacção adiantada, lavados com esta agua, perdem instantaneamente o cheiro cadaveroso; o qual não reaparece se o banho tiver durado vinte e quatro horas.

Peças de anatomia pathologica, conservadas ha vinte annos no alcool, perderam a côr morbosa, a fórma, o volume e a elasticidade: e mergulhadas, por tres ou quatro dias n'este mixto, recuperam o aspecto, o volume e a flexibilidade que tinham antes da autopsia.

As peças, longo tempo conservadas por dessecacção, recuperam rapidamente todas suas propriedades anatomicas.

Desde que mostrei estes resultados de minhas experiencias á academia, tenho-me occupado até hoje com outras experiencias, que já ha mais tempo começára, sobre a conservacção dos liquidos morbosos; e cheguei a superar os obstaculos que se a ella oppunham.

Segundo é a natureza do liquido, que se pertende conservar, 4, 5, 6, 8 ou 10 pingos de créosóta são bastantes.

Por este meio, pôde-se guardar o sangue viciado, que em differentes molestias se extrae com sangria; e por este modo se podem desde já fazer collecções de taes exemplares, que algum dia virão a ser muito uteis para os diagnosticos das molestias. O mesmo, que succede ao sangue, succede também ás diversas especies de pus, ás urinas, aos liquidos extravasados nas cavidades, etc., etc.

Advertindo que a pouca porção de créosóta, misturada com estes liquidos, não lhes perturba nada a sua pureza relativa.

Com isto me animei a fazer outras tentativas cujos resultados podem ser de grandes vantagens. A créosóta em vapor penetra os corpos organisados e impede que apodreçam. Por modo que um cadaver, exposto a esta evaporação por meios simples, que eu farei conhecer dentro em pouco, satura-se de créosóta, e a conservacção illimitada isto é o embalsamamento se fará de hoje ávante por um methodo excellento quanto a mim, e sem ser preciso fazer nenhuma incisões, nem mutilações no corpo. »

REFORMA NOS THEATROS.

2937. ESTÃO-SE vendo os theatros desertos, principalmente nos dias de semana, ¿será isto porque se preferam outros divertimentos, ou por alguma outra causa?

Julgamos que o verem-se os theatros pouco frequentados provém da careza dos espetaculos. Os theatros de Lisboa não devem exigir os mesmos preços, por que em París se vai á grande ópera e theatro italiano. Comparados uns com outros theatros, sendo os de París em tudo muito melhores do que os de Lisboa, deveriam estes dar divertimentos mais baratos do que aquelles. A esta razão accrescem outras não menos ponderosas, como a de não dever ser tão caro o pessoal das companhias como as que representam nos theatros de París, e de ter essa capital riquezas infinitamente maiores, do que a nossa defecada e empobrecida Lisboa. Finalmente fazei a conta ao capital que um homem, muitos homens, uma familia ou muitas familias podem gastar indo todo o an-

no ou metade do anno ver os espetaculos. Achareis que muito pouca gente d'aqui pôde ir todo ou metade do anno aos theatros. Por um calculo de cifras poderiamos com evidencia demonstral-o, mas parece-nos que estando os factos a fazer a demonstracção, e não se devisando outras causas, é forçoso confessar, que os theatros são pouco frequentados, porque são excessivamente caros, em relação ás circumstancias do nosso paiz. ¿E que se ha-dê fazer n'este caso?

Diminuir os preços dos camarotes e das entradas nas platéas. Não nos digam que se os theatros são custosos de sustentar pelos preços actuaes, e se estes baixarem, serão menores os rendimentos, e por isso augmentará a difficuldade de os manter. Isto é um erro, contra o qual as razões são obvias, mas apontamos um meio de chegar ao desengano: este meio é experimentar: experimentae-o, e vereis nas receitas de dois mezes por um e outro systema, qual vos apresenta maior utilidade.

Estabelecei também os meios preços para quem for depois das dez horas. Este systema já se adoptou em S. Carlos em fins de 1834, e por nosso conselho, que se fundava, em que muita gente já viu uma peça duas e tres vezes, e só quer ver uma dança: convém aos rapazes e outras pessoas, que muitas vezes estão occupadas até ás nove e dez horas, e querem ir no meio da noite conversar com os amigos; convém aos que não podem por suas occupaões ou impaciencia aturar os longos e enfadonhos intervallos, que levam metade da noite; e finalmente convém a muita gente que não tem dinheiro, a qual se não pôde ver muitas óperas inteiras, verá muitas de meio preço.

P. B.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A PARADA DE PEDROIÇOS, E O CORONEL WEINHOLTZ.

20 DE MAIO 1748.

2938. CREIO que nenhum dos leitores estará já lembrado da promessa, que lhes fiz ha duas semanas, para este dia 20 de maio. Pois eu me encarrego de lh'o recordar. O caso é que prometti dizer mais duas palavras sobre as peças de tiros accelerados do coronel Weinholtz. Mas apuradas bem as contas, o facto a que eu então me referia, pertence ao dia 20 de março, e não de maio. ¿E agora, como sairei de tão grave embarço? Errar uma data em taes alturas é sem duvida botar tudo a perder. Não importa; perca-se tudo, *hors l'honneur*. Falte-se muito embora ao inexoravel rigor da veracissima chronologia, mas cumpra eu a minha palavra. E assim peço aos leitores se hajam caridosamente, referindo a 20 de março o que vou a dizer com a rubrica de 20 de maio:

Era com effeito o dia 20 de março de 1748, quando na praia de Pedroços se ostentou um brilhante exercicio militar das tropas destinadas para a India. Simulou-se o ataque de uma praça, e serviram 19 das peças de 20 tiros por minuto, commandadas pelo seu inventor o coronel Weinholtz, que tinha por ajudante a seu filho. Vestiam ambos farda branca, com canhão amarello, e botão doirado: montavam bellos

ginetes ajaesados a todo o custo. Assistiu o principe montado em um formoso cavallo preto, vestido de encarnado bordado de oiro com galão, bota abotoada, estribo de ferro, chapeo agalado de oiro, tope preto, bengalla, e pistollas. Acompanhou a S. A. o infante D. Pedro, seu irmão, vestido de azul pombinho, agalado, com forro e véstea vermelha, montado em um cavallo branco. Na barreira da praya estava a princeza vestida de verde bordado de oiro com cazaca, e o cabello atado, em um coche. — Além das dictas peças, que já eram conhecidas, apparecem aqui outra de mais nova invenção do mesmo coronel, que despedia com egual celeridade uma granada, de que saíram 50 ballas miudas.

Agora resta saber quem era Weinholtz. — Frederico Jacob de Weinholtz era alemão, nascido no ducado de Alsacia, de gente nobre. Serviu muitos annos a el-rei de Dinamarca, e ao imperador Carlos VI, tendo-se achado em 15 campanhas, 4 batalhas campaes, uma naval, 4 desembarques, 7 sitios, 2 bloqueios, e diversos choques, sempre com grande credito e bom procedimento. El-rei D. João V. informado das suas qualidades o mandou convidar para vir servir n'este reino no anno de 1736, a tempo que se achava servindo no Rheno com o conde de Seckendorff, general do imperio. Aceitou Weinholtz, e não faltou ao que se esperava de sua pessoa. Prestou em Portugal mui importantes serviços, e o seu nome será mencionado com respeito por quem houver de escrever a historia militar d'este reino. Em 1748 o proveu el-rei no posto de coronel de infantaria com exercicio de engenheiro, e na artilharia da côrte e marinha, concedendo ao mesmo tempo patentes de ajudantes com o dicto exercicio a seus dois filhos, Frederico Jacob de Weinholtz e Christiano Frederico de Weinholtz.

J. H. da Cunha Rivara,

Começamos hoje a publicação de outro romance, tambem de auctor juvenissimo e que só tem para consagrar á litteratura os remanescentes do seu tempo, empregado, com grande aproveitamento, nos estudos academicos. Não é o primeiro ingenho distincto, cujas florescentes primicias a *Revista Universal* presenta á patria. Todos os devotos da gloria d'ella darão tão sinceramente, como nós, os emboras a este novo campeão, que tão gentil e destro se apresenta logo no primeiro recontro.

D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

1.

Cego! que triste fado, em mal o aguarda!
Que triumphos, que glorias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!

Garrett. — *Canções.*

A PROPHECIA.

2939 O som das charamellas echôa na profundidade do valle: — pagens e escudeiros ordenam em longa fileira os briosos ginetes, a quem o ocio de duas horas faz remorder os polidos freios, e escarvar a terra como em procura de alguma distracção; — tal aco-

damento indica a aproximação dos cavalleiros; e assim é que, pela ingreme e pedregosa encosta, descendo vem uma luzida companhia — a pé, que não dá azo o terreno para cavalgada, — e o sol da primavera, tão bello em nossos climas meridionaes, reflectia seus raios luminosos nos garnimentos de oiro e pedraria que adornavam os senhores, em quem era assim impossivel cravar os olhos de espaço.

— Lá pararam fóra do trilho, Sr. Braz Fagundes, creio irão descansar.

— Sim, e não descirão tão asinha; el-rei, nosso senhor e amo, folga assás de correr por esses rochedos escavados, em que a cada passo se encontra um precipicio; — muito se ageitam estas fragas com seu natural aspero e merencorio.

Assim travaram conversação — um pagem imberbe, cujo rosto, não tostado pelo ardor do sol, adornavam longas madeixas de loiro e fino cabello; vestido dos mais primorosos estofos, e cingindo apenas por enfeite uma pequena espada de exquisito lavor — e um velho escudeiro, cujas melenas prateadas, rosto encovado e trigueiro, longos bigodes, veste em desalinho, e largo montante, o davam a conhecer por um d'esses restos truncados da milicia de Africa.

— Foram de certo para a gruta d'esse trovador infeliz, de cujos amores elevados tantas historias se contam, — proseguiu o pagem, que fóra o primeiro a fallar.

— De amores sabeis vós contos, Ayres Tinoco, não assim de pelejas por essas frontarias africanas e praças do oriente, que mais inclinado sedes a alindar os cabellos que a pulir uma armadura, e não é essa vossa espada embonecada para encontrar uma cimitarra mourisca, que para logo voaria feita pedaços.

— Aspero sedes de genio, senhor escudeiro; ¿ pois não achaes mais aprasivel e de folgar um brilhante saráu da côrte, canas, touros, mômicos e vilancetes, em que folgam dônas e donzellas, cavalleiros e peões, menestreis e jograes, — do que essa vossa musica de pelouros, esse jogo de lanças e montantes, esse canto de moribundos, que é o passatempo de uma batalha?

— ¡ O' Portugal! Portugal! ¿; Onde estão esses mancebos esperançosos do tempo do Sr. D. Manuel, — que passavam do berço ao campo das pelejas, para quem um recontro mal-ferido era um brinco de infancia?!... ¡ Oh! como hão-de elles apparecer, se seu filho (Deus o tenha em sancta gloria) entregando a descritos quatro praças de Africa bem ganhas á custa de tanto sangue christão, fechou outras tantas eschólas de cavallaria á mocidade portugueza; foi d'alli que saíram os conquistadores do oriente!... mas que se vos dá a vós d'isso, filho do valente Vasco Peres, que morreu a meu lado no baluarte S. Thiago n'esse memoravel segundo cerco de Diu; que vos importa isso, se as mais bellas dônas da côrte admiram a elegancia do vosso trajo, vosso ademan senhoril, a fina pelle das mãos, e o rosado das faces!...

E o velho córava de raiva e de vergonha, porque o futuro da sua patria tão querida se lhe antolhava n'aquelle mancebo de nova geração, como um emblema de opprobrio, como uma maldicção de Deus!

E o donzel córava, sem saber porquê, e abaixava os olhos confuso.

E um tolhido silencio reinou então no valle; os ca-

valleiros já se haviam occultado por entre as quebras da serra, e o velho escudeiro disse:

— Ayres Tinóco, dae ordem a que prendam de novo os ginetes, que algo teremos de esperar.

E dicto isto, apartou-se do mancebo; seu ar era taciturno, e uma lagrima, talvez pela primeira vez, assomava em seus olhos; — e o pagem ria com os mais donzeis, e nem uma palavra lhe lembrava já do sermão do velho Fagundes.

Emquanto um pensa na depravação dos costumes que vae a passos agigantados invadindo a sua patria, e os outros decidem qual é a mais donosa beldade da villa de Cintra, acompanhe-me o leitor por esta deveza da alcantilada serra, e vamos indagar o que fazem os personagens, por cujo respeito houve no valle o movimento de que fallámos.

Difficil é o passo por entre estas penedias; porém subamos ainda, que assim é mister para alcançar os lusidos senhores a quem pertendemos seguir. Elles lá vao, e certo se dirigem para aquelle homem que, absorto em suas meditações, ainda não deu pela companhia que o busca: — era elle um velho, que no rosto requeimado pela angustia, mais ainda que pelo sol ardente dos climas abrazadores que percorrera, mostrava quanto o desgosto e o soffrimento contribuíram a fazer-lhe alvejar as cans antes de tempo, e a preparar-lhe a sepultura no verdor dos annos; seu ar altivo, membros bem fornidos, e uma larga cicatriz onde devêra avultar um dos olhos, o indiciavam como um d'esses guerreiros maltractados da fortuna, para quem a morte não tem aspecto hediondo. — Sentado sobre uma bronca pedra á entrada da romantica gruta que escutou as saudosas endeixas do mellifluo Bernardim Ribeiro, arrimando a cabeça a uma das mãos, e com a outra segurando um papel, — silencioso e meditabundo, longe do tracto dos homens, só com Deus e suas phantasias — dava descanso á vista que, por largas horas, apascentára no quadro immenso da natureza, que com tantos attractivos se apresenta aos olhos n'esta escabrosa paragem da decantada serra da Lua.

Admirára no pincaro da mais alta serrania, suspenso como por milagre, o templo que a piedade e perseverança de Manuel-o-venturoso elevou entre as nuvens; e aquella habitação se lhe antolhára, não morada de seres mundanos, mas asylo da mesma divindade: encarou depois as ruinas d'esse castello mourisco, que tão alto fabricaram mãos de homem, e esses penedos descomunes dissimulados pela encosta, — e sua imaginação poetica, dando vida a tudo que o cercava, lhe mostrou realisada a antiga ficção grega, e elle julgou ver n'aquellas ameias derrocadas a torre erguida pelos filhos da terra para escalar o céu, e nas pedras de emtorno as ossadas dos gigantes prostrados pelo raio omnipotente. ; Tudo allí respirava magestade e grandeza! — Com o coração oppresso de contemplar estas maravilhas em que a Deus aprouve estampar um medonho aspecto, elle volvéra o rosto, e novos quadros de mui diverso colorido o deixaram respirar de novo: — era aquella deliciosa veiga de Collares, aquelle extenso vergel, por entre o qual se deslisava de manso a suave lymphá, que, mesmo pobre como é, vae pagar suas páreas ao soberbo Oceano; — tudo mudou n'este volver de olhos: as sendas tortuosas e malgradadas tornaram-se em am-

plas planicies, os rochedos escalvados em agradável vegetação, — e esta contraposição, tão grande, tão sublime, — esta reunião em curto espaço do suave clima dos trópicos, e do intractavel solo polar — conduziram aquella alma religiosa a dóces reflexões, e a mão de Deus se lhe patenteou nas suas obras.

Mais longe, elle observou as vagas a enrolarem-se umas sobre outras, e a invadirem com surdo fragor as aréas da praia, e depois, como uma hoste que soffreu larga resistencia ante os muros de castello bem-petrechado, recuarem murmurando para o seu primitivo posto; — e mais distante ainda aquelle horizonte infinito, e tantos baixéis sulcando os mares que elle já atravessára em dias mais felizes, e... uma saudade, uma lembrança de amor — porque o velho tambem amára e fôra amado — o vieram fundir em lagrimas, e elle affastou ainda o rosto d'esta scena melancolica.

E ferteis courelas a perder de vista na extensão assás plana do terreno, lhe atraíram a attenção, e o viver do lavrador se lhe antolhou mais feliz sob o cólmo da misera choupana, que a grandeza do potentado debaixo de marmoreas abobadas. — Viu os gothicos campanarios do templo magestoso, e volvendo ainda a face encontrou de novo a serra, e lá por entre espinhos a obra do filho do mais honrado dos páes — o mosteiro de rocha e de cortiça. — «Deus escuta alli melhor as orações dos fieis, do que juncto á ara sumptuosa» — disse consigo mesmo o ancião, e abaixou a cabeça para pensar na eternidade.

Foi então que os cavalleiros se achegaram a elle: o som produsido pelas espadas e acicates ao roçar os penedos, o fizeram despertar d'este lethargo; e conhecendo o joven que para elle se adiantava á frente da comitiva, erguen-se, dobrou um joelho, e beijou a mão que o mancebo lhe apresentava.

— Não esperava encontrar-vos aqui, Luiz de Camões?

— Vim cumprir as vossas ordens, senhor; apresentar-me na córte, como em vosso alvará determinaes que o faça, para vingar a moradia de quinze mil réis, com que houvestes por bem remunerar meus serviços.

— Mesquinha recompensa, na verdade, para um homem como vós, que immortalizou nossos navegadores e guerreiros; farei que seja augmentada. Lembrai-m'o vós, D. Christovam de Tavora, que os preparativos da jornada de Africa de tudo me hão feito olvidar. — Emquanto descanso um pouco á sombra d'este penhasco, fazei calar esses menestreis com seus atabales e charamellas, e oiçamos alguma canção do melhor trovador das Hispanhas. — Depois endereçando-se a um homem já de dias, que o seguia de perto:

— Achegae-vos, Diogo Bernardes, suave cantor do Lima, continuou o mancebo, vinde estreitar ao peito o vosso amigo.

Os dois velhos se abraçaram com transporte, — quiçá pela ultima vez!... breve se separaram para sempre.

E D. Sebastião, rei de Portugal, que esse era o joven recém-chegado, como nossos leitores terão adivinhado facilmente, — exultou ao ver a alegria dos dois poetas, e occupando a centro da penedia, d'onde se erguera Camões, os convidou a tomarem logar a seu lado.

Duvidaram elles obedecer-lhe; mas a voz imperiosa do monarcha os determinou.

— Assentae-vos, que mais do que os guerreiros vós dilataes a glória da nação.

Elle disse, e os poetas obedeceram: — um murmurio abafado se desinvolveu então entre os cortesãos, por verem preferidos a seus pergaminhos gothicos, theologicos e juridicos — as trovas de Camões e Bernardes. — Elles se affastaram um pouco, e — almas de lodo! — antepozeram as insulsas bufonarias de um ignobil histrião da côrte aos carmes do maior poeta portuguez.

Entretanto encetava a conversação alegremente o rei generoso e cavalleiro:

— Eis-aqui, Luiz de Camões, quem ha-de cantar nossos feitos, se Deus nos ajudar da sua mão; é Bernardes que passa comnosco á Africa, para presenciár esta entrada em terras de infieis, que, á guisa de nossos avós D. João I e D. Affonso V, empreendemos para gloria de Deus, propagação da fé, e augmento de nossas fronteiras nos Algarves de além-mar.

— Difficil tarefa, senhor, para tão apoucado ingenho como o meu, respondeu o rouxinol do Lima com aquella singeleza, que, sobre todas as virtudes, o adornava, — eternizar os Achilles é tarefa propria de Homeros. Não a mim, mas a Camões devêra V. M. commetter tão grave assumpto. — Depois dirigindo-se para o velho trovador-guerreiro, proseguiu: — Vem, amigo, acompanha-me aos areaes da Lybia, vem cingir á fronte mais dois ramos de loiro e murta — *n'uma mão a espada e n'outra a pennas.*

O rubor do enthusiasmo assomou ás faces de Camões, ouvindo estas palavras que tão funda ecoavam em sua alma — porque a gloria ainda para elle não perdêra o encanto entre os desenganos da miseria, — porém este fulgor foi logo eclipsado por um gesto lugubre e sinistro — como acontece ao astro do dia radioso e brilhante, se nuvem espessa e negra acerta de passar por ante elle — e com accento prophético soltou estas palavras: —

— Não irei; fêo para chorar sobre as cinzas da patria, se emvez de loiros vós achardes cyprestes n'essa plaga africana.

— Fé em Deus que não tereis esse trabalho!

— Talvez porque me falte o alento para sobreviver á patria.

— Novos agoiros! — Embora; sei affrontal-os. — Isto disse o joven monarcha com estranha inflexão de voz; mas tornando ao seu accento ordinario: —

— Luiz de Camões, disse, a idade vos tornou visionario... porém vamos, lêde alguma coisa d'esse livro que na mão tendes, que para al me não assentei aqui.

— São velhas poesias, senhor, que não hei já calor para rhymar; o frio precursor da morte alcançou-me tambem o ingenho.

— Não importa, seja o que fôr, antigo ou moderno, tudo ouvirei com praser; lêde.

E o rei crusou os braços, e inclinou um pouco a cabeça; — Bernardes mostrava no rosto a anciedade com que se dispunha a ouvir o que tão bem sabia avaliar, — e Camões, depois de os olhar um momento com gesto de dôr profunda, abriu ao acaso o manuscrito, e leu estas oitavas de uma Ecloga, ou dialogo entre os pastores Frondelio e Umbrano.

Frondelio.

Umbrano irmão, decreto é da natura

Inviolavel, fixo, e sempiterno.

Que a todo o bem succeda desventura,

E não haja praser que seja eterno:

Ao claro dia segue a noite escura,

Ao verão suave o duro inverno,

E se ha coisa que saiba ter firmeza

É sómente esta lei da natureza.

Toda a alegria grande, e sumptuosa

A porta abrindo vem ao triste estado:

Se um' hora vejo alegre e deleitosa

Temendo estou do mal aparelhado:

Não vês que mora a serpe venenosa

Entre as flores do fresco e verde prado?

Ah! não te engane algum contentamento,

Que mais instavel é que o pensamento.

E prasa a Deus que o triste e duro fado,

De tamanhos desastres se contente;

Que sempre um grande mal inopinado

É mais do que o espera a incauta gente:

Que vejo este carvalho, que queimado

Tão gravemente foi do raio ardente;

Não seja ora prodigio, que declare

Que barbaro cultor meus campos áre!

Umbrano.

Em quanto do seguro azambujeiro

Nos pastores de Luso houver cajados;

E o valor antigo, que primeiro

Os fez no mundo tão assinalados:

Não temas tu, Frondelio companheiro,

Qu'em nenhum tempo sejam subjugados,

Nem que a cerviz indomita obedeça

A outro jugo algum que se offreça.

E posto que a soberba se levante

De inimigos — a torto e a direito —

Não crêas tu que a força repugnante

Do fero, e nunca já vencido peito,

Que desde quem possui o monte Atlante

A d'onde bebe o Hydaspes, tem sujeito,

O possa nunca ser de força alheia;

Em quanto o sol a terra e o céu rodeia.

Frondelio.

Umbrano, a temeraria segurança,

Que em força ou em rasão não se assegura,

É falsa e vã, que a grande confiança

Não é sempre ajudada da ventura:

Que lá juncto das aras da esperança,

Némesis moderada, justa, e dura,

Um freio lhe está pondo e lei terribil,

Que os limites não passe do possibil.

E se attentares bem os grandes dâmnos

Que se nos vão mostrando cada dia,

Porás freio tambem a esses enganços

Que te está figurando a ousadia;

Tu não vês como os lobos tingitanos,

Apartados de toda a cobardia,

Mátam os cães, do gado guardadores

E não sómente os cães, mas os pastores?

Pois o grande curral seguro e forte
Do alto monte Atias não ouviste
Que com sanguinolenta e feia morte
Despovoado foi.

— Basta! — exclamou uma voz que parecia sair do fundo da caverna, tão horrisono era o seu accento! — basta! — repetiram os ecos á porfia, e o vento arrojou este brado até onde os cortesãos, os menestreis e o bufão folgavam sob a influencia da sua nullidade.

— ¿; Será uma prophécia o que acabas de lèr! ? Estarás tu inspirado! ? — proseguiu D. Sebastião, horrorsado do que ouvira, porque as lições do manhoso jesuita Luiz Gonçalves da Camara haviam assentado em seu coração, a par do destemor nativo, a pusillimidade da superstição. — Camões jazia mudo no mesmo logar, e com o livro entre-aberto, — Bernardes como se houvera visto um espectro, — e os cortesãos que chegavam atraídos pelo som aspero da voz d'el-rei, pareciam estatuas mortuarias sobre tumulos de cavalheiros.

Houve um breve silencio; — D. Christovam de Tavora o rompeu:

— Senhor, disse elle, o sol já vae baixo, e o conselho de estado deve estar reunido.

— Sim, D. Christovam, vamos pela ultima vez escutar seus votos disparatados, e, mau grado d'elles, seguir com meu projecto ávante.

— Assim lhes mostrareis que sois soberano, e não escravo de seus caprichos — replicou uma voz de castelhano ao ouvido de el-rei.

— É o seu amor para comigo que os obriga a falar assim.

— Ou talvez inveja da gloria que ides alcançar commandando o exercito, tornou a mesma voz, pois que só elles se julgam bons capitães, porque governaram alguma fortaleza na India.

— Não conheceis os portuguezes, capitão Aldana, por isso fallaes assim.

Um gesto desaprovador que acompanhou estas palavras, fez inmudecer o capitão castelhano.

— Partamos, disse o rei, que em palacio nos esperam; — e os instrumentos musicos resoaram; a eomitiva poz-se em movimento; e D. Sebastião estendendo a dextra ao cantor das glorias do Oriente — que lh'a inundou de lagrimas ao aproximar dos labios — disse: — Adeus, Luiz de Camões, tornar-nos-hemos a vêr — ao menos quando voltar de Africa.

— Ou no valle de Josaphat, Senhor!; — E o cortejo desceu a montanha.

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

HORRENDA FALTA DE POLICIA MEDICA.

(Carta.)

2940 AINDA que seja defeso vender venenos, ha um (o arsenico) que facilmente proporcionam alguns pharmaceuticos a pessoas do seu conhecimento, no pre-supposto de ser para matar ratos; e é este o veneno quasi só conhecido do povo, principalmente das aldeas; por isso d'elle se servem muitos para fins sinis-

tros, quando o diabo os tenta; se o não podessem haver, seriam frequentes vezes evitadas grandes desgraças. Ultimamente succederam os factos seguintes: —

No concelho da Maia, aldêa de Villar-de-Pinheiro, um lavrador abastado vivia, ha annos, com sua mulher, um filho e uma filha. O filho esperto e perspicaz, a filha tartamuda e simples. Por fatalidade servia a caza uma criada, que tomou amores com o amo, e quiz envenenar a ama com arsenico; mas o pequeno foi dizer á mãe que — « não comesse que a criada lançára uns pós na comida d'ella. » — D'esta vez pois não teve effeito o envenenamento. A lavradora porém morreu haverá dois annos, dizem, que por maltractada em uma doença; e a criada ficou sendo senhora; mas o rapaz que ia crescendo dizia fallando d'ella: — « em eu sendo homem, a Joaquina m'as pagará etc. » — Além d'isso o lavrador disse uma occasião: — « se não fosse por causa de meu filho a quem não quero prejudicar, casava com a Joaquina. » — Suppõe-se que isto levou aquella desgraçada a um novo crime.

No dia 2 de maio morreu o filho do lavrador, que orçava pelos seus quatorze annos, e a infame criada dizia ás visinhas, mostrando-lhe nodos róxas que o infeliz moço apresentava á vista, depois de morte: — « Vêde; as desavergonhadas das bruxas o chuparam por aqui! » — A voz publica porém não culpára as bruxas; mas sim a ella; e o regedor da freguezia, sabendo o que se dizia, o participou ao administrador. Foi, por ordem d'este, embargado o entêrro do rapaz, e o corpo aberto por cirurgiões, que attestaram haver sido envenenado com arsenico; fez-se auto e foram presos o pae e a criada. Auto e prisão fizeram-se a 4. »

« No mesmo tempo passava no Porto outra tragedia em que tambem o arsenico figurava. Um carpinteiro, excellente homem, e muito bom official do seu officio, tinha uma loja n'esta cidade, e a sua caza e familia em uma aldêa, distante duas leguas, onde só passava os domingos. Vivia elle acabrunhado havia tempo por differentes causas, não por se dar á preguiça ou a vicios; e deixou-se abater demasiado. Entre outras dividas havia uma, pela qual o queriam obrigar nos principios do mez corrente; elle dizia aos seus amigos: — « ou vou em breve pela barra fóra, ou me hão-de enterrar um d'estes dias. »

No dia 4 de manhã cedo, foi um filho d'elle, tambem carpinteiro, ao quarto do pae; este lhe disse: — « abre a loja que são horas de virem os officiaes; e quando á noite fores para Moreira (a aldêa d'elles) toma conta de tua mãe e irmãs; não as desampares depois, ainda que és casado; ellas não teem mais ninguem que seja por ellas. » — « E v. m. para onde vae? » — perguntou o filho. — « Hoje é sabbado não irá tambem a casa? » — « Não: vou para o Brazil. »

Depois, para que o filho o deixasse, mandou-o a um recado; este, quando voltou, achou o pae em terrivel estado. Tinha bebido tanta quantidade de arsenico, que não era possivel salvá-lo, ainda que elle estava prompto para tomar quanto lhe davam, que já se achava arrependido; e dizia: — « daria tudo quanto tenho, e quanto podesse vir a ter, por muitas riquezas que fossem, a quem me tirasse o rosagar que tomei. »

Morreu em poucas horas, deixando a familia entregue a uma desesperação facil de conceber, mas difficil de descrever, e ameaçada de miseria. O desejo de remediar seus males levou o pobre homem a

multiplicar-os mil vezes, e a tirar a sua mulher e filhos o unico amparo e protecção que tinham.

Uma obscura Portuense.

ASSOCIAÇÃO GERAL PARA PROPAGAÇÃO DA FÉ.

(Communicado)

2941 O ANNIVERSARIO do ramo portuguez d'esta apostolica associação foi celebrado aos 3 do corrente na igreja de Nossa Senhora dos Martyres d'esta cidade, onde assistiu um grande concurso de fidalguia, clero e fieis.

O discurso, tão eloquente como historico, foi recitado gratuitamente pelo sabio doctor José Maria de Lima e Lemos, que mui claramente patenteou aos seus ouvintes os solidos beneficios, que resultam ao genero humano em todo orbe, dos trabalhos meritorios da sociedade central, estabelecido em Lyon de França, e quanto indispensavel é a religião catholica, para a perfeita civilisação do homem, e para promover e conservar a paz e felicidade politica dos reinos.

A exm.^a thesoureira, a Sr.^a marquez de Ponta Delgada, é merecedora de muitos louvores pelo zelo e perseverança, com que tem promovido o estabelecimento d'esta sociedade em Portugal, e pelas avultadas esmolas enviadas para este sancto fim.

Varios ecclesiasticos estrangeiros, residentes n'esta capital, se acharam tambem presentes. Concluiu-se a solemnidade com as ceremonias do costume.

Até aqui o nosso correspondente.

Sem pormos, nem levemente, em duvida a sinceridade dos bons desejos, que inflammam os membros da *Sociedade da Fé*, e convencidos de que nada póde haver mais eminentemente christão e catholico em these do que o pensamento de — pôr em contribuição os fieis de todo o mundo, para mandar a luz, o baptismo e a salvação aos infieis de todo o mundo, — perguntaremos comtudo; — ¿ se o ramo da *sociedade da fé* plantado em Portugal, — no Portugal de hoje, — considerado o seu presente, considerado o seu futuro, não é, pelo menos, intempestivo? — ¿ que fazem, de feito, os membros da *sociedade da fé*? — Lançam dinheiro para um reservatorio commum, aberto em França, d'onde se disparte até aos confins da terra, para ir alimentar os obreiros da palavra no meio dos sertões silvestres e anthropóphagos, dos povos barbaros, dos mahometanos e dos idolatras. — Excellentemente; comprazemo-nos de acreditar que todo esse oiro (como o carvão de pedra no laboratorio central de Londres) vae sair ao longe por mil partes convertido em luzes. Mas ha, parece-nos, uma questão prévia: — ¿ temos nós obrigação, temos sequer direito para socorrer os estranhos e desconhecidos, emquanto nossos proximos e parentes morrem á mingua: — ¿ o homem, que só possui um pão, de que depende a vida de seus filhos, poderá lançal-o ao mendigo que passa e a quem talvez outros lá adiante socorreriam?! Em quanto a religião entre nós fór, como vae, na vasanté; emquanto o clero instruido e piedoso se fór tornando mais raro de anno para anno: emquanto os escriptos impios se multiplicarem e os orthodoxos forem sendo cada vez mais raros, mais repugnados e mais escarnecidos: emquanto o proselytismo protestan-

te nos envenenar com as suggestões de traidoras esmolas as ilhas, as provincias e até o coração da capital: emquanto não houver seminarios, que produzam parochos de lei, e parochos de lei, que reproduzam christãos de véras; — nós não temos fé para exportar.

Avultadas esmolas, confessa o nosso correspondente, teem ido para Lyon. Nenhuma esmola é meritória, nenhuma esmola é esmola, se é feita á custa do indispensavel: — ¿ temos nós primeiro accudido ao indispensavel? — ¿ temos ao menos pensado em lhe accudir?

Parece-nos que este ponto merece ser considerado attentamente pelos muito honrados e muito virtuosos membros da *sociedade da fé*.

QUEM SE HA-DE FIAR NA HISTORIA.

2942 ¿ E REALMENTE quem ha-de pôr a mão no fogo pela veracidade do que um escriptor antigo nos refra ácerca de um tempo antiquissimo, quando ainda hoje 11 de maio, depois de uma accessa polemica, de depoimentos e documentos de parte a parte, não podemos saber se em *Moimenta da Beira*, a 2 de fevereiro, se matou ou não um boticario? A questão não é das de maior interesse publico senão pelo resultado moral que d'ella se tira, e que nós ciframos no titulo d'este artigo. Eis-aqui a carta que ácerca do nosso artigo 2919 nos escrevem hoje. Provavelmente não será a ultima

(Carta.)

Quem ler a carta do seu correspondente de S. Cosmado, o Sr. Simões de Gouvêa, em que defende o Sr. Machado, affirmando novamente que o pharmaceutico João de Almeida está na eternidade, intenderá que a carta que eu lhe remetti, foi fabricada por mim, e não escripta pelo proprio, que se diz suicidado em *Moimenta da Beira*.

Tenho que responder, que emquanto eu não vir a certidão de obito de João de Almeida, pharmaceutico em Sernancelhe, districto de Vizeu, não deixarei de dizer que elle vive, e tanto vive, que ainda depois do dia do seu fallecimento escreveu á sociedade pharmaceutica; a carta vem marcada pelo correio de Vizeu, a firma é d'elle mesmo, e como por consequente em todo o districto de Vizeu não consta pelo almanak dos pharmaceuticos do reino que haja outro pharmaceutico João de Almeida, o homem vive!!

Mande-me o seu correspondente a certidão de obito, já se sabe, reconhecida por tabellião que seja conhecido pelos tabelliães d'esta cidade; pois emquanto assim o não fizer, não o acredito.

De V. etc.

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

ANNAES DE EL-REI D. JOÃO III.

2943 ACABAM de sair á luz os — ANNAES DE EL-REI DOM JOÃO TERCEIRO, POR FR. LUIZ DE SOUSA, PUBLICADOS POR A. HERCULANO; — um volume de 494 paginas em quarto, impresso com aceio e correcção.

N'um curioso prologo dá conta o editor do como se fez a achada d'este precioso manuscripto, que se julgava perdido, tantos annos havia, com grande lastima dos estudiosos, assim da historia como da lingua portugueza; e expõe as irrefragaveis provas de ser, não só authographo, mas rascunho. Oxalá que outro acaso, quando já não sejam diligencias e buscas mandadas fazer a rogos do nosso governo nos archivos de Castella, descubra a parte que ainda nos fica faltando d'esta obra, e que, não sem bons fundamentos, se julga haver sido remittida pelo auctor para a cõrte, que então era em Madrid. Como quer que seja, foi este descobrimento um successo de importancia, e a publicação de tal livro um favor, que

ha-de ser por muita gente festejado como o é por nós. O original, que se guarda na real bibliotheca d'Ajuda, não tem só o valor de ser todo da letra de Fr. Luiz de Sousa (da qual no fim do prologo se nos dá um *fac simile*); mas pelas emendas, suppressões, rescripções, additamentos, hesitações e mudanças de todo o genero, de que está raso, como que nos faz assistir ao trabalho secreto de tal mestre, nos revella os seus escrúpulos e parte dos seus segredos de stylo, e vantajosamente nos confirma n'esta verdade, só ignorada dos escriptores mediocres, — que a pagina, que mais facil se representa a quem a lê, e que por sua natural singeleza parece ter saído logo assim do primeiro jacto e poder ser imitada por qualquer, é, muitas vezes, a que mais consumiu de estudo e paciencia. — D'isto rirá por ahi muita gente, mas não riria Virgilio, nem Horacio; não riam Boileau, Fénelon, Racine e Rousseau; e não ria de certo o bom chronista de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, dos dominicos e de D. João III. Quem o duvidar, que lance os olhos para qualquer d'aquellas laudas, sobre que tanto se cançou a mão de escriptor, já tão exercitado que transcendia dos septenta annos.

Vendem-se pelo preço de 1\$200 réis, em Lisboa em casa da viuva *Bertrand e Filhos*, aos Martyres n.º 45; no Porto na rua de Sancto Antonio n.º 42 a 44; e em Coimbra na loja de livros de J. Orcel.

MIRAGAIA.

2944 **REPARTIU** o Sr. GARRETT pelos seus amigos, em cujo numero assim como no muito maior dos seus admiradores folgamos nós de ser contados, o seu romance de **MIRAGAIA**, primeiro impresso no jornal das Bellas Artes e agora para este fim reimpresso avulso em um folheto de 19 paginas em quarto.

Este opusculo não é só notavel pela graciosa e sincera naturalidade do seu estylo e pelo seu profundo zunho de chácara ou lenda poetica popular.

A sua execução typographica, as quatro perigrinas gravuras em madeira, a belleza do papel, e o assestinado das paginas tudo contribue para tornar esta obra um formoso monumentinho dos rapidos progressos que entre nós começam de fazer as artes.

A Miragaia pertence, como o auctor adverte a principio, á colleccção do seu *Romanceiro* em que a seu tempo ha-de ser encorporada.

EXEQUIAS DE UMA AVE.

2945 **A SR.ª D.** filha de uma illustre casa d'esta cidade e donzella, cujos annos verdes são realçados de mil graças e prendas, empregava os seus mais extremos amores n'um canario, que não excitava poucas invejas em entes racionaes. Elle tambem merecia-lh'o, que, ao vel-a, todo se esvoaçava, e desatinava em cantorias; comia-lhe na mão, empoleirava-se-lhe no pente, adormecia-lhe no seio e, depois de girar no quarto e nas salas em roda d'ella, recolhia-se á gaiola apenas ella lh'o ordenava.

N'uma das ultimas manhãs do mez passado, antes que ella se levantasse, foi o brutinho achado morto. O cavalheiro., temendo o effeito demasiadamente vivo que uma tal vista deveria producir no coração de sua irmã, appressou-se em fazer desaparecer o cadaver; mas

« quis fallere possit amantem? » perguntava com razão Virgilio,

« Quem, quem póde enganar de amor o instincto? » Assaltada de não sei que pressentimento, saiu a dama n'esse dia mais cedo do quarto e correu á gaiola, que achou vasia, e com ambas as portas escancaradas, como o quarto, d'onde acabam de levar um linado: debalde lhe disseram e lhe repetiram que tendo esquecido á criada, incumbida de lhe acear o aposento, fechar-lhe a porta, e achando-se a janella do quarto para o jardim aberta, desayvorára attraído naturalmente da formosura e fragrancia da manbã, dos cantos, reclamos e negaças das outras aves. Contra tudo lhe protestava lá dentro o amor, e repetindo, lavada em lagrimas, que — « bem sabia, que a enganavam e que era morto, pedia, ordenava, supplicava que ao menos morto lh'o entregassem, ou lhe dissessem onde o tinham ido lançar. » — Não houve resistir á sua consternação; o cavalheiro lhe confessou por fim que o tinha elle mesmo dado á sepultura com a possivel decencia, não no cemiterio dos animaes, nem ainda no jardim, mas no cemiterio (hoje desamparado) da vizinha igreja de: e para a socegar, lhe prometeu que n'essa mesma noite lhe provaria a verdade: com effeito, chegada a noite, voltou furtivamente ao cemiterio, exhumou sem grande terror o defuncto e o veio depositar no regaço, onde, vinte quatro horas antes, brincava, e conversava tão descuidado do porvir. As lamentações, que ahi houve e que todas nos conta a amavel correspondente de quem esta noticia recebemos, foram cheias de mui affectuosa poesia, mas não cabem aqui.

O cadaver foi cuidadosamente amortalhado em meio palmo de renda de França, mettido na caixinha doirada de um sabonete de macassar, ornado de violetas e mandado repôr para todo o sempre na eterna jasida. O coração da viuva ainda se não consolou: ainda agora não póde ouvir um assobio, nem sequer o apito de S. Carlos, sem que lhe accudam aos olhos lagrimas abundantes. Feliz do homem para quem uma tal companheira estiver predestinada?

PULGÃO DAS VINHAS.

(Carta.)

2946 **VAE** grassando, por algumas vinhas d'este concelho, uma praga, a que vulgarmente se dá o nome de pulgão, insecto, que filando-se, nos gommos ainda tenros, das videiras, os destroe, consumindo não só o fructo do presente anno, mas causando demais estragos, que hão-de affectar a novidade do seguinte, segundo dizem os intendedores. Esta epidemia dos vegetaes, que nem é nova, nem desconhecida, por estes sitios, desinvolveu-se n'este anno, com muito maior força, o que fez converter contra ella a attenção dos proprietarios das vinhas; d'alguem sabemos nós, que mandou apanhar em saccos o tal bichinho, e que assim destruiu boa cópia d'elle: a maior parte porém dos lavradores, desaproveitando aquelle exemplo e julgando caminhar por milhor estrada, lembrou-se de fazer excommungar o pulgão; mas quem havia de ser o arauto, que havia de intimar a sentença de morte a este tão cruel inimigo? *Hoc opus, hic labor est* — Discutiui-se em plena assemblea. Occorreu muito a proposito, que o cura da freguezia de do concelho

de Torres Novas, tinha dedo para o negocio, e era pratico em taes exercicios. — Fallou-se ao padre, o qual declarou que não entrava n'esta campanha sem lhe darem 7\$200 réis, os quaes se obtiveram por subscrição entre os interessados. — Veio armou-se de sobrepelliz e estola, e lá corre as vinhas, fazendo a reza por um livro, que na phrase d'aquella gente, elle só tem: acabando por mandar deportado o pulgão para a serra d'Aire (porque é da essencia dar-lhe pasto em alguma parte): apezar porém de tal intimação, o pulgão não se deu por citado, talvez por não reconhecer a competencia do juiz que assignou o mandado de despejo, e continúa nos seus primitivos alojamentos: e os donos das vinhas sem o dinheiro na algibeira, e com grande receio de que o bichinho, escandalizado pela guerra que lhe fizeram, se enfureça mais estendendo-se áquellas partes que até agora tinha poupado.

Ha quem tome esta calamidade, á conta de castigo providencial, em ordem a vêr, se os vinhos, que nada rendem actualmente pela destruição da futura novidade, ainda adquirem algum preço; sem entrar porém na discussão d'esse ponto, diremos só, que causa lastima o vêr estar a invocar a religião, em objectos muito inferiores á sua alta missão; não que desconheçamos que em todas as afflicções nos devemos voltar para o Ente Supremo, unico medico de taes enfermidades: temos porém para isso preces na igreja, procissões etc., mas nunca a pratica menos orthodoxa, no nosso entender, de estipendiar um padre, para vir excomungar o bicho. — Como porém d'aqui resulta algum proveito, ainda que sórdido, não falta quem influa, para que taes idéas se não desterrem d'entre o povo, que propenso a acreditar e a admirar o que não intende, recorre aos meios extraordinarios nas proprias coisas, cuja razão sufficiente está nas leis ordinarias.

De V. etc.

N. J.

Villa Nova d'Ourém 3 de maio de 1844.

Somos rogados instantissimamente a publicar o seguinte programma: —

NOVO COLLEGIO D'INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA.

2449 Sob a direcção de D. Mariano L. Aleman se acha estabelecido na rua da Bella Vista n.º 21, 22, e 23 um novo collegio d'instrução primaria e secundaria; sendo transferido d'este edificio para a rua de S. Bernardo n.º 23, á Estrella, o collegio de meninas de Madame Aleman.

Não pertende o director d'aquelle novo collegio encarecer de palavras e promessas, como é uso, o seu estabelecimento: quanto n'elle ha de vantajoso e preferivel, hade-o mostrar o tempo e a experiencia. O que póde e deve affiançar ao publico, é que constante e desveladamente porá em pratica quantos meios se reconhecem actualmente nas principaes cidades da Europa (cujos melhores estabelecimentos de educação visitou, e examinou) como os mais proprios e approvados para educar e instruir a mocidade, tanto no que tóca ao methodo, como ás materias e regularidade do ensino. Para manter invariavel ordem e disciplina em todos os actos e exercicios; e para se responsabilisar conscienciosamente pela educação litteraria e moral dos alumnos, limita por ora o numero d'estes apenas a vinte. Não haverá menor zelo na escolha dos mestres professores, e das mais pessoas, que directa ou indirectamente possam intervir no ensino e serviço dos collegiaes; assim como no aceio, alimentos, e nos exercicios gymnasticos, tão reconhecidamente uteis á saúde e ao desinvolvimento das forças phisicas, como para adquirir uma favoravel disposição para os estudos. Com tal fim tem o director agricultado e arranjado pela fór-

ma mais conveniente a bella quinta do mencionado edificio. Para inteiro descanso e confiança das familias dos collegiaes, affiança o mesmo director, que terá o maior cuidado e escrupulo em escolher alimentos nutritivos e saudaveis, evitando tudo que possa ser nocivo. As mesadas dos alumnos são as mais modicas, que é possível: e convém notar que sem augmento de dispesa se ensinam n'este collegio algumas linguas, e prendas, que em quasi todos os outros se pagam separadamente e por bom preço, como o inglez, italiano, musica, pianno etc.

Os estudos são divididos nas tres seguintes classes:

1.^a A lingua franceza será, quanto possa ser, a usual em todas as classes. Lêr, escrever, as operações elementares da arithmetica, grammatica portuguesa, franceza, doutrina christã, musica, e pianno.

2.^a Grammatica latina, analyse grammatical dos classicos portugueses em prosa e verso, grammatica grega, arithmetica, algebra, geometria, geographia, desenho liniar, lingua italiana, e hispanhola; continúa exercicio no pianno e no francez.

3.^a Traducção e composição na lingua latina e grega, logica, metaphysica, elementos de direito natural e das gentes, de politica e chronologia, historia, rethorica, ideologia, lingua ingleza, pianno e canto.

O director d'este novo collegio convida os paes, chefes de familias, e os demais litteratos, que desejarem conhecer melhor, tanto este estabelecimento como o de Madame Aleman, a que os visitem e observem a regularidade e boa disposição que em ambos reinam; e por si mesmos vejam os grandes progressos das meninas em todos os seus estudos, e particularmente na musica e pianno, no que visivelmente se conhece, que os talentos e habilidade de mademoiselle Carlota Aleman, tem feito prodigios em tão pouco tempo, como o de septe mezes, que tantos tem este collegio d'estabelecido. O edificio para onde ultimamente foi transferido, offerece não só todas as commodidades do antigo, mas ainda outras vantagens muito superiores para recreio das pensionistas. O seu programma continúa a ser religiosamente observado.

COMMUNHÃO DOS MENINOS.

2950 Um reverendo parochio da diocese portuense, escreve na *Revista* n.º 38 sobre um assumpto, que eu me propuz tractar, e do qual me desviaram intimas perturbações e cuidados.

O dia 14 de abril, domingo da paschoela, destinado ha muito para o acto edificante e religioso, da communhão dos meninos, em S. Nicoláu, de Lisboa, lançou, nas trevas da minha existencia, um reflexo do paraizo. Convidada pela mãe de uma das mais lindas neóphitas, discipula minha, fui apresentada ás núpcias eucharísticas. Aqui não houve reconciliações publicas; a solemnidade foi desassombradamente angélica. Vinte e quatro admittidos, de ambos os sexos, depois de preparados devidamente pelo sacramento da penitencia, saíram da sacristia, e entraram em procissão, pela porta principal da igreja, conduzidos pela irmandade do Santissimo, presididos pelo reverendo prior, e mais diáconos, e acólitos, e trazendo nas mãos uma véla acceza, engastada em flores.

Onze meninas, rutilantes de graça, e candidez, aformosearam um elevado coreto, que se achava collocado ao lado direito da capella mór: os meninos, em numero de treze, occuparam um lugar, dividido mais abaixo. Uma música terna, accommodada ao assumpto, vibrava nos corações um praser suave.

Celebrou-se o sacrificio incruento: lido o evangelho, um orador distincto assomou ao púlpito; e nos termos mais energicos, sublimes, affaveis e intelligiveis, explicou o mysterio da Eucharistia, instruiu

os meninos nos deveres contraídos pelo baptismo, e os dispoz, com as mais tocantes exhortações, para a ceremonia augusta, em que iam representar. No fim da missa, o reverendo prior dirigiu-lhes tambem uma pratica preparatoria.

Uma larga cadeira, estofada de damasco carmezim foi trasida, para servir de mesa no banquete sacramental: cobria-lhe o respaldo uma toalha de finissima tela de algodão, com os emblemas da religião, e do amor divino, primorosamente bordados. Os neophitos, a dois e dois, precedendo as meninas, chegavam ante o reverendo pastor, que lhes punha na cabeça uma grinalda de rosas brancas; adornados assim, com este symbolo da pureza, iam pela mesma ordem, recebendo o sagrado Viático e voltavam aos seus logares.

Em seguida, o Immortal, escondido sob as fórmulas accidentaes, fulgiu no seu throno de luzes: o perfume odorífero despregou-se em rolos, do centro d'um cortejo de brandões accesos: as meninas, coroadas de flores, com os seus véus brancos, e as faces incendiadas pelo calor das luzes, que lhes scintilavam nas mãos, faziam lembrar os serafins, candidos e resplandecentes, que circumdam o docel do Eterno. Os sacerdotes, em profunda genuflexão, rojando tissos de oiro, e prata, fiseram resoar no templo o hymno mystico — *Te Deum laudamus*.

Finalmente, os meninos, em despedida, foram beijar a mão ao reverendo prior, que a todos imprimiu na testa com um sorriso paternal, um beijo de paz, de amor, e de bençã.

Infelizmente, em Lisboa, é S. Nicoláu, a unica paróchia onde se faz esta cerimonia! ousamos recomendar, ás auctoridades ecclesiasticas, o piedoso exemplo do Exm.º Sr. Bispo da diocese portuense.

Lisboa 12 de maio de 1844.

Maria J. S. C.

SERÃO MUSICO.

2946 O BENEFICIO de Mr. *Marchal*, que annunciámos a semana passada, executar-se-ha improrogavelmente hoje: o seu programma é o seguinte: —

1.ª Parte: — 1.º Overture de la Muette de Portici.

— 2.º Variações de Mélophono por Mr. Cossoul.

— 3.º Grande aria da Niobe por Mr. Flavio. —

4.º Sinfonia. — 5.º Fantasia caracteristica da opera Freschutz de Weber, executada por Mr. *Marchal*.

2.ª Parte: — 1.ª Sinfonia. — 2.º Le Pif, Paf, Pouf

dos Huguenotes cantado por Mr. *Marchal*. — 3.º Va-

riações de violoncello por Mr. Guillerme Cossoul. —

4.º Duo de Guilherme Tell, cantado por Mr. Flavio et

Marchal. — 5.º Sinfonia. — 6.º Fantasia brilhante

dos Huguenotes, por Mr. *Marchal*.

CARNE ASSADA.

2947 DE COLLARES nos escrevem que, a 7 do corrente, foi finalmente preso o façanhudo Joaquim Luiz *Carne-Assada*, matador de sua propria filha, como no artigo 2914 relatámos. O sitio onde o apanharam foi na *Ribeira Nova*, em Lisboa. O benemerito juiz ordinario do respectivo julgado, merece todo o louvor pela actividade com que se houve n'este negocio: na sua mão se acham já reunidas sufficientes provas para o processo.

TRAGEDIA INAUDITA.

2948 Um caso atroz e insólito passava, não ha

muito, n'uma das provedorias da cidade baixa. Um cuteleiro, mas homem naturalmente inimigo do sangue e sobretudo do seu, conhecido e estimado pela visinhança como exemplar de pacificos, accorda de noite, sobresaltado com uma voz terrivel que vocifera estas palavras, ao som de um rijo bater de pé no sobrado superior, que a elle lhe serve de tecto: — «¿ Quem me impedirá agora, que o punhal « está nas minhas mãos, e a victima debaixo dos meus « pés? » — ¿ Seria illusão de um sonho? — não. A mesma furiosa ameaça torna logo a ser repetida com um tom ainda mais lugubre, mais concentrado, mais diabolico: levanta-se, escarra, como para fazer entender que está acordado, e que não seria seguro accommetter assim um fabricante do seu genero: — outra vez as mesmas desalmadas palavras, mas em tom mais solemne e surdo, como de quem recêa ser ouvido, voltaram a arripial-o: — « quem me impedirá, quem me « impedirá agora que o punhal está nas minhas mãos, « e a victima debaixo dos meus pés. »

Não havia já que duvidar: accendeu luz, entrincheirou-se arrumando contra a porta da escada toda a mobilia da casa, armou-se, entreabriu a janella para o caso de uma fuga forçada, encommendou-se a Deus e ficou pasmado com a bocca sêcca, olhando para o tecto, até que rompeu a manhã. Logo que pela rua sentiu gente, renasceu-lhe um pouco d'alma; abriu mansinho a porta e foi correndo fazer o seu depoimento ao provedor do bairro. O caso era grave. E' chamado o visinho assassino para ser compellido a despejar das casas, depois de explicar os motivos do seu furor, contra um cidadão que nunca o offendera, ou não os podendo explicar ser conduzido como doido para o hospital de S. José. O réu apparece com effeito. O espanto e um não sei què de vago susto se leem no seu semblante.

O magistrado o interroga: não póde negar: por tres vezes proferiu a deshóras aquellas palavras. — « ¿ Mas com que intenção? — ¿ Com que intenção, responde elle, com que intenção?! com a intenção de um homem, que traz no coração um odio de muitos annos, que tem uma terrivel vingança para tomar e que a ha-de tomar! »

O cuteleiro enfia e cose-se com o magistrado: o réu o olha sorrindo e continúa. ¿ Com que intenção?! com a que me era insinuada pela situação e pela nota do manuscripto, onde o poeta escreveu *trovejando*.

O réu era o nosso distincto actor o Sr. Rosa, que ensaiava comsigo aquellas palavras da scena quarta do acto segundo do — *Homem da Mascara Negra* — do Sr. Mendes Leal. Acabava de o representar no theatro da rua dos Condes, e sabia pelos applausos da platéa que ainda innumeraveis vezes tornaria a represental-o. Ruminava-o pois, repisava-o, variava-o e experimentava n'elle quantos recursos o seu talento e a sua imaginação lhe suggeriam; fazia o que fazem todos os bons artistas, e tão bem o fazia, e tanto havia de aterrar a consternada Branca, sua victima, que até a um homem, que se não sustentava se não de facas e punhaes, ouriçava os pellos e o obrigava a perder a noite.

Este caso, que seguiu immediatamente á penultima representação do drama, foi-nos contado pelo proprio poeta, que o ouviu da bocca do Sr. Rosa.